

Entre os vultos da História do Brasil, há um que se tornou merecedor da eterna gratidão nacional, e cuja vida, cheia de abnegação e devotamento, é lembrada com admiração e ainda serve para alimentar as nossas esperanças no feliz destino do Brasil.

E, infelizmente, essa breve evocação da vida de José de Anchieta vai ser escrita, não por um homem de letras, e nem por um historiador, e sim por um velho soldado que conheceu Vitória, Reritiba, Ubatuba, Itamumbuca, São Vicente e Itanhaem, pontos estes relacionados com a vida do grande apóstolo da catequese, no alvorecer do Brasil.

Um episódio muito sugestivo ajudamos a compreender o modo singular com que encaramos a vida de Anchieta.

Durante a malfadada Revolução Paulista de 1932, a 2.ª Cia. do 4.º Batalhão de Caçadores, vinda de Taubaté, desceu a Serra do Mar e foi guarnecer a cidade de Ubatuba, situada no litoral paulista.

Depois que os Tenentes Eurialde Zerbini e Murillo de Barros esboçaram um rudimentar plano de defesa e os Tenentes Argemiro de Assis Brasil e João Tabajara escolheram o local mais favorável para um contra-ataque de Pelotão, tornou-se necessário fazer-se um reconhecimento para esclarecer a situação, pois as informações dadas pelos "caçaras" (habitantes do litoral paulista) eram confusas e contraditórias. E era bem provável que existisse alguma posição avançada inimiga, no rio Itamumbuca, que ficava distante das nossas posições cerca de 9 quilômetros.

E, levando comigo um grupo de combate do meu Pelotão, armado e munido, e um habitante da região como guia, depois de fazer as recomendações necessárias, partimos resolutos e confiantes.

Depois que atravessamos os terrenos de chácaras e de roçados nas imediações da cidade, a pequena tropa penetrou na parte selvagem e perigosa do reconhecimento, pois a estrada era apenas uma picada aberta numa mata fechada e luxuriante, mais ou menos acompanhando os postes da linha telegráfica, que vão ter a Parati, já no Estado do Rio.

E isso nos obrigou a fazer uma marcha cautelosa e lenta, fazendo uma progressão de lances curtos, e gastamos quase três horas para cobrir a distância prevista. Chegamos ao rio Itamumbuca ao meio dia, dei um descanso à tropa e comemos a nossa ração fria.

Depois, atravessamos o rio, com as devidas cautelas, e a picada, depois de atravessar uma bela e espessa mata de árvores seculares, seguia ao longo de uma linda praia, que se estendia até os limites do horizonte visual.

Dispôs a pequena tropa em posição de combate e ficamos observando, durante algum tempo. Não se viu ninguém na extensa área que se avistava da nossa posição. Foi um desafogo e com ele veio logo um relaxamento de atitude. Eu mesmo esqueci a parte militar do reconhecimento e deixei-me dominar por uma terna recordação histórica.

A praia do rio Itamumbuca é indicada pela tradição como sendo o local onde José de Anchieta escreveu na areia um poema religioso, dedicado à Virgem Maria. Então, como se estivesse vendo um "homem magro, semi-corcunda, com o rosto iluminado por um celestial ar de bondade, vestindo uma sotaina surrada e calçado grotescamente por umas alpercatas, a escrever na areia com uma bengala rústica, "recordei, em breves palavras, recordei o empolgante episódio da Confederação dos Tamoios, salientando o zelo e a santidade de Anchieta na conferência de Iperoig.

Quando acabei de falar, sem que tivesse dado nenhuma ordem e nem feito nenhuma recomendação particular, verifiquei que os soldados tinham abandonado as armas fratricidas e, guardando um respeito sincero e espontâneo, escutavam, com as cabeças descobertas, aquelas palavras evocativas do passado.

Depois, três soldados se adiantaram na praia, ajoelharam, fizeram o sinal da Cruz e recitaram uma oração como se estivessem dentro de uma igreja.

Que episódio admirável! Bastaram meia dúzia de palavras recordando um trecho da vida de Anchieta para tocarem no coração de um punhado de homens rudes e sinceros e converterem a missão que era essencialmente militar em uma verdadeira peregrinação mística.

A vida de um grande homem sempre

JOSE DE ANCHIETA

desperta o civismo e o entusiasmo e acende em nossas almas o amor à pátria. Com a vida de Anchieta, porém, sucede coisa diferente! É que a sua existência, cheia de abnegação, nobreza e generosidade, faz com que os nossos corações busquem, no silêncio do recolhimento, um pouco de paz para lastimar as horas em que deixamos de fazer o bem, ao mesmo tempo que somos reanimados por bons propósitos no sentido de termos mais amor ao Brasil e maior devotamento ao nosso próximo.

José de Anchieta nasceu em São Cristóvão de Laguna, capital da ilha de Tenerife, em 19 de Março de 1534. Era filho de Juan Anchieta e Mencia Clavijo y Llanera, sendo o terceiro da família de 10 filhos.

Em 1550, vai cursar a famosa Universidade de Coimbra, onde se destacou dos seus companheiros pela sua aplicação e fervor religioso. Sofreu, então, um lamentável acidente com a queda de uma escada em suas costas, resultando ficar semi-corcunda para o resto da vida. Os seus superiores, tendo informações favoráveis ao nosso clima, resolveram enviá-lo ao Brasil para encontrar um alívio aos seus padecimentos físicos.

E ninguém sabia e nem podia prever que esse jovem enfermo de 20 anos iria ser, no Novo Mundo, um médico de fama e um dos faróis da Catequese. E José de Anchieta chegou no Brasil, em 13 de Junho de 1553, tendo viajado na esquadra que conduziu Duarte da Costa o segundo governador-geral, sucessor de Tomé de Souza.

Apesar de não ter recebido ainda ordens, Anchieta veio viver aquela época, que Vieira denominava de grande época, "porque na missa os cálices e as patenas eram de barro frágil e os sacerdotes feitos de ouro puro."

Aqui chegando, Anchieta pôs-se a anotar as palavras indígenas, grupando-as em um sistema, e procurando compreender as sutilezas dos verbos e, de algum modo ajudado por certa semelhança de radicais entre o tupi-guaraní com o dialeto nativista da ilha das Canárias, acabou por dominar a linguagem dos índios, escrevendo então uma gramática e um dicionário que muito iria ajudar a tarefa da catequese. E fez mais. Traduziu para o tupi-guaraní as orações diárias da Igreja Católica e escreveu vários dramas de caráter religioso de modo a facilitar os ensinamentos da Igreja por meio de alegorias e de exemplos práticos. Eis porque Sílvio Romero escreveu que a História da Literatura Brasileira havia começado com José de Anchieta.

Depois, Anchieta, fazendo parte de um grupo de sete religiosos, assistiu à fundação de um colégio, edificando no planalto de Piratininga, entre os riachos Tamanduateí e Anhangabati, e que, sendo instalado no dia da conversão de São Paulo (25 de Janeiro de 1554), recebeu o mesmo nome do Apóstolos dos Gentios.

Nenhuma outra empresa da ordem teve um início tão pouco promissor e tão ameaçado de fracasso. O colégio era uma pequena casa que media 14 passos de cumprimento e 12 de largo e era ao mesmo tempo igreja, escola, enfermaria, dormitório, tudo. A pobreza de meios era enorme. Muitas vezes Anchieta e os seus abnegados companheiros ficavam até tarde da noite, copiando, à luz vacilante de grotescas lâmpadas de azeite, os traslados das lições para o dia seguinte, devendo cada cópia servir para 4 ou 5 alunos. Mas a extraordinária força de vontade de Anchieta acabou por vencer as dificuldades e a fertilidade da terra desafogou as aperturas e, aos poucos, em torno do colégio, foi se formando um núcleo civilizado. E tantas vezes Anchieta fazia a viagem entre Santos e São Paulo, que o povo, durante muitos anos, só chamava essa estrada de "caminho do Padre José".

E foi de uma paupérrima e pequena casinha de barro, coberta de palha, que brotou uma soberba "cidade-oficina", o maior parque industrial da América do Sul, e a capital econômica do nosso país, que tanto orgulha aos brasileiros.

Mais tarde, Anchieta, acompanhando os índios por ele catequisados, foi ajudar Mem de Sá na expulsão dos franceses do Rio de Janeiro. Capistrano de Abreu demonstrou que Jean de Boullès faleceu na prisão em uma fortaleza da Índia, desfazendo uma lenda que se criou em torno de Anchieta, apontado como tendo feito sugestões ao carrasco que supostamente enforcou esse famoso chefe calvinista.

Batidos e expulsos os franceses, deixaram esses os germens de uma terrível represália. 20 mil tamoiós e 200 canoas de guerra ameaçavam destruir todos os núcleos da colonização portuguesa do sul do Brasil. E os chefes da famosa Confederação dos Tamoios reuniram-se em Iperoig (região da cidade de Ubatuba) para combinarem um vasto plano de ação.

Capistrano de Abreu observa ainda que esse terrível perigo foi providencialmente desviado pelos jesuítas Manuel Nóbrega e José de Anchieta, que serviram de embaixadores dos portugueses em tão grave situação.

Capistrano de Abreu observa ainda que Nóbrega era gago e conhecia mal o tupi-guaraní, de modo que quase todo o peso da missão recau em Anchieta, em rebater as acusações e queixas com argumentos razoáveis e usando de palavras benevolentes para apaziguar os ânimos. Ficou combinado então que os chefes indígenas iriam até Santos ter um entendimento com os portugueses e que Anchieta ficaria com refém no meio dos tamoiós.

E, durante cinco meses, Anchieta viveu solitário em meio das praias de Iperoig e abandonado no meio de uma gente de costumes fáceis e dissolutos, cercado de perigos que vinham do mar, perigos que se escondiam na terra, perigos que maquinavam os homens e perigos que luziam no corpo das mulheres, e como um lírio que florescesse à borda de um pântano, recebeu que os miasmas lhe maculassem a pureza. E foi na oração e na penitência que encontrou força para vencer o pecado. E, para encher as horas vazias do seu exílio, escreveu na areia um poema com 4 mil versos em latim clássico — *Beata Virgen Maria* — que é o mais antigo poema do Brasil e que tantas vezes tem sido comparado às melhores poesias de Horácio.

Os índios afirmaram que viam sempre uma avezinha de linda plumagem pousar no ombro da Anchieta, nas horas em que escrevia na areia da praia.

— "Era, como disse Ulisses Paranhos, uma mensageira celestial para anunciar que a sua vida ainda tinha uma grande missão a cumprir no combate pelo sentimento, na defesa das almas perdidas, na educação do selvícola, na deliberação dos vícios e na santificação moral do colono."

Feitas as pazes com os Tamoios e os franceses expulsos definitivamente do Rio de Janeiro, regressou Anchieta à Bahia onde recebeu ordens (1566) e, mais tarde, investido no cargo de Provincial (1587), enviou ao Paraguai alguns jesuítas que fundaram os primeiros núcleos da cristandade que iriam receber os aplausos dos enciclopedistas franceses do Século XVIII.

Mas, com o corpo minado por uma moléstia mortal, Anchieta deixou o cargo de Provincial, onde prestara tantos e tão valiosos serviços, e recolheu-se ao Espírito Santo, para encontrar um pouco de repouso no meio dos índios que catequizara. Entretinha-se então em escrever biografias dos seus irmãos.

E, na pequena e pitoresca cidade de Reritiba, que hoje tem o seu nome, situada no litoral espírito-santense, Anchieta, na presença de cinco religiosos, faleceu no dia 9 de Junho de 1597, cercado por uma auréola de santidade.

Dizem as crônicas que toda população de Reritiba acompanhou até Vitória os restos mortais do grande apóstolo da catequese. Os índios, ao suspenderem o caixão aberto, contendo o corpo, verificaram que o mesmo pesava menos que uma folha de papel. Entroalharam-se asombrosos e exclamaram admirados: — "Niposi! Niposi!" (Não pesa! Não pesa!)

E, durante três dias e três noites, esta população desolada, recitando orações e entoando hinos religiosos, cobriu a distância de 90 quilômetros, que separa Vitória de Reritiba, e, nesse longo trajeto, ninguém sentiu fome, sede ou fadiga.

Anchieta ocupa em nossa história uma singular posição de realce e a sua memória continua alimentando as nossas melhores esperanças nos dias intranquitos que decorrem. Dos 64 anos que viveu, 44 foram consagrados ao seu sublime apostolado no Brasil. Médico, enfermeiro, mestre-escola, intérprete e embaixador dos índios, tais foram as aptidões que Anchieta pôs ao serviço da Cruz. A ele se atribuem inúmeros fatos extraordinários: curas milagrosas, intuições admiráveis e previsões notáveis, cousas de um espírito

de luz no cumprimento de uma elevada missão. E todos os atos do grande apóstolo da catequese estão cheios da sabedoria de Santo Agostinho e do devotamento de São Francisco de Assis.

O Brasil tem tributado à memória de José de Anchieta um culto de gratidão, envlto em religiosa veneração. A auto-estrada São Paulo-Santos recebeu o nome de Via Anchieta, e muitos colégios, escolas e instituições têm o nome do Missionário de Iperoig.

Quando fui transferido para o Paraná, antes de deixar o Espírito Santo, fui com a minha esposa Alceira fazer uma visita à cidade de Anchieta e, no mesmo quarto em que ele faleceu, hoje transformado em capela, ouvimos, emocionados, a celebração de uma missa. Ainda não encontramos um ambiente tão cheio de paz e doçura e que nos faz esquecer tôdas as aguras da vida.

Há nesse quarto uma janela, guarnecida por um poial, que dá para uma baixada que é banhada pelas águas do rio Benevente. Diz a tradição que era o local preferido por Anchieta para ler o seu Breviário.

E quando vemos o altar onde tantas vezes ele celebrou a santa missa; e aquela igreja antiga, construída nas austéreas linhas do estilo barrôco, e em cujas paredes ressoavam as suas pregações em frases harmoniosas de tupi-guaraní; e quando vemos também aquela praia tão linda e sossegada que ele tantas vezes percorreu para ir batizar um catecúmeno enfermo, para ir ouvir em confissão uma alma culpada, ou para levar o conforto espiritual a um moribundo, então nossas almas caem de joelhos e repetem com emoção esta primorosa poesia de Dom Aquino Corrêa:

Aqui nesta terra mimosa e sagrada
Foi que a alma gentil quis a Deus entregar
O apóstolo audaz da floresta assombrada,
O angélico poeta das praias do mar.

Nasceste bem longe das nossas florestas
Nas ondas do mar sob um céu todo azul,
Mas já nesta noite no meio das festas
Tu viste o Brasil no Cruzeiro do Sul.

Tu foste o canário de voz doce e pura
Que aos pés de Maria, em Coimbra, cantou;
Teu canto foi este: — Ó Mãe de Ternura
A ti para sempre eu agora me dou!

Reixaste os prazeres da carne e do mundo
Pregando o teu corpo e tua alma na Cruz,
E ao índio feroz a gemer moribundo
Vieste, bondoso, falar de Jesus.

Tu foste o bom mestre dos índios pequenos,
Dos grandes também tu foste o bom pai,
Mostravas o céu com os olhos serenos
Dizendo: — Meus filhos, para lá caminhai!

E quando na missa, tu, já sacerdote,
Erguias ao céu do Supremo Senhor,
Tua alma ao espóso pedia por dote
Morrer no Brasil e morrer por amor!

Aqui tu viveste, e aqui tu morreste.
Tu és do Brasil, brasileiro tu és.
Agora tu vives na Pátria Celeste,
Mas neste Brasil caminharam teus pés.

Gen. Murillo Teixeira Barros
(Do Centro Cultural Euclides da Cunha)
Ponta Grossa, 21 de Maio de 1957.

— O O —